

FACULDADE JK DE TECNOLOGIA
UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS-BRASIL
UNAT-BRASIL
PÓS-GRADUAÇÃO EM ANÁLISE TRANSACIONAL

**OS ESTILOS PARENTAIS NO PROCESSO DE
APRENDIZAGEM DA CRIANÇA SOB A PERSPECTIVA DA
ANÁLISE TRANSACIONAL**

VIVIANE CRISTINA SOUZA

Porto Alegre - RS

2013

VIVIANE CRISTINA SOUZA

**OS ESTILOS PARENTAIS NO PROCESSO DE
APRENDIZAGEM DA CRIANÇA SOB A PERSPECTIVA DA
ANÁLISE TRANSACIONAL**

Artigo de conclusão de curso apresentado à Faculdade JK de Tecnologia e à União Nacional de Analistas Transacionais-Brasil, como requisito parcial do curso de Pós-Graduação em Análise Transacional, para obtenção do título de Especialista em Análise Transacional.

Orientadora: Jane M P Costa

Porto Alegre - RS

2013

OS ESTILOS PARENTAIS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE TRANSACIONAL

PARENTING STYLES IN THE PROCESS OF CHILD LEARNING UNDER THE PERSPECTIVE OF THE TRANSITIONAL ANALYSIS

Viviane Cristina Souza*

UNAT-BRASIL – União Nacional de Analistas Transacionais do Brasil

RESUMO

A aprendizagem da criança é um processo que envolve a família e a escola. Este artigo tem por objetivo analisar o caminho de aprendizagem da criança por meio da análise dos estilos parentais a partir da visão da Análise Transacional, com ênfase no conceito de Carícias. Através da revisão bibliográfica dos temas será possível oferecer recursos para pais e professores que possibilitem o aperfeiçoamento da capacidade de contato com as crianças, qualificando a intervenção e a evolução no desenvolvimento do aprender com base, principalmente, na aquisição da Autonomia.

Palavras-chave: Aprendizagem, Estilos Parentais, Análise Transacional.

ABSTRACT

The child's learning is a process that involves the family and the school. This article aims to analyze the way of a child's learning with the analysis of parenting styles from the vision of Transactional Analysis, with emphasis on the concept of Strokes. Through the literature review of the topics it will be possible to offer resources for parents and teachers that aim to improve the capacity of contact with children, qualifying the intervention and the evolution in the development of learning based primarily on the acquisition of Autonomy.

Keywords: Learning, Parenting Styles, Transactional Analysis

*Pedagoga, Psicopedagoga – souza_viviane@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Ando pelos cantos e recantos de muitas escolas. Escolas com diferentes formas de compreender a educação, com diferentes níveis de ensino, estruturas físicas muito díspares umas das outras e com missões, visões e valores heterogêneos. Refiro-me a cantos e recantos porque, como psicopedagoga clínica e institucional, tenho a possibilidade de acompanhar/perceber alunos, professores, famílias, nos mais diversos ambientes: suas salas de aula, laboratórios, recreios, conversas para orientação com pais, alunos e professores.

Além disso, deparei-me com falas e indagações de pais ou substitutos que são significativas: *O que há de errado na educação do meu filho? Qual a melhor forma de ajudá-lo? Não sei mais o que fazer com esta criança. Por que tem dificuldade para aprender?*

Considero a escola como um espaço que me convida a pensar e repensar a aprendizagem humana.

Entre tantas conversas e momentos vividos, percebo algo que me inquieta e impulsiona a estudar: de que modo os estilos de parentalização podem impactar as crianças em suas aprendizagens acadêmicas. Creio que a Análise Transacional - AT pode vir ao encontro das minhas inquietações no sentido de facilitar a compreensão desse processo da aprendizagem infantil.

O propósito deste artigo, portanto é fazer uma aproximação entre os estilos parentais propostos por Baurind (1966) e o conceito de Carícias de Berne (1963), com vistas a alcançar uma maior compreensão da aprendizagem infantil.

INÍCIO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM HUMANA

O estilo de relação entre pais e filhos, desde bebês, tem sido destacado como um dos principais responsáveis pelo processo de desenvolvimento/aprendizagem infantil.

Quando penso em aprendizagem humana refiro-me às primeiras aquisições do desenvolvimento humano que estão impulsionadas /estimuladas, principalmente, pela ação dos pais ou daqueles que cumprem o seu papel e, posteriormente, pela escola, que contribui significativamente para a continuidade desta aprendizagem, ou seja, escola e família são dois contextos de desenvolvimento para a trajetória de vida das pessoas.

A escola e a família compartilham funções sociais, políticas e educacionais, à medida que contribuem e influenciam a formação do cidadão (REGO, 2003). Tanto uma quanto a outra são instituições fundamentais para o desenvolvimento dos processos dos indivíduos. Ambas são agentes da transmissão e construção do conhecimento, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social. Cada uma com seu papel, porém papéis que se complementam.

A escola constitui um contexto diversificado de desenvolvimento, isto é, um local que reúne diversidade de conhecimentos, atividades, regras e valores e que é permeado por conflitos, problemas e diferenças (MAHONEY, 2002). Logo, o sistema escolar está permeado por um número significativo de pessoas direta e indiretamente, com diferentes características, desejos e expectativas. Trata-se de um ambiente multicultural que abrange também a construção de laços afetivos e preparação para a inserção na sociedade (OLIVEIRA, 2000).

Já a família, presente em todas as sociedades, é um dos primeiros ambientes de socialização do indivíduo, atuando como mediadora principal dos padrões, modelos e influências culturais (AMAZONAS, DAMASCENO, TERTO & SILVA, 2003; KREPPER, 1992, 2000). A família é vista como um sistema social responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados que são presentes na sociedade (KREPPNER, 2000). Aqui está uma das grandes chaves do desenvolvimento humano porque ela, a família, tem um significativo impacto e uma forte influência no comportamento das pessoas, com olhar direcionado às crianças que aprendem diferentes formas de existir, de ver o mundo e construir as suas relações sociais e, conseqüentemente, aprender.

Digo isso porque a família é a matriz da aprendizagem humana, mediadora entre o homem e a cultura, que gera modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva. No ambiente familiar, a criança aprende a administrar e resolver conflitos, a controlar as emoções, a expressar os diferentes sentimentos que constituem as relações interpessoais, a lidar com as diversidades da vida (WAGNER, RIBEIRO, ARTECHE & BORNHOLDT, 1999). Essas habilidades sociais e suas formas de expressão inicialmente desenvolvidas no âmbito familiar têm repercussões em outros ambientes com os quais a criança, o adolescente ou mesmo o adulto interagem, acionando aspectos salutareos ou provocando problemas e alterando a saúde mental e física dos indivíduos (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2001).

Ao pensar aprendizagem, muitas pessoas se remetem ao ensino escolar, entendem que somente nos bancos escolares é que ocorre o aprender, porém entendendo ensino/aprendizagem desde o momento que fomos concebidos, porque a vida é uma eterna aprendizagem e aqui fica a questão significativa, nossos primeiros educadores são nossos pais.

Entendo que a vida familiar é uma das primeiras experiências significativas do indivíduo. Ela é uma das redes de sustentação de cada sujeito, na interação de papéis, da forma de olhar a si, ao outro e ao mundo. Segundo Rubinstein (2003), a "boa" constituição do sujeito está em consonância com a ligação, com a tradição, isto é, o saber transmitido pelos adultos significativos. A inteligência e a capacidade para beneficiar-se do letramento exigem a participação de um saber que não é apenas racional. Para interpretar criativamente um texto, há necessidade da presença do sujeito, de suas marcas. Sem uso, não há reconstrução nem autonomia.

No contexto familiar, entende-se que o sujeito começa a existir muito antes do seu nascimento biológico, no inconsciente de seus pais, alguns teóricos afirmam que em especial de sua mãe, revivendo sua maternagem ou até mesmo quando brincava de mamãe com sua boneca, cuidando-a.

Em 1950, o psicanalista Thomas Benedekt definiu parentalização (*parenthood*) como termo encontrado para descrever o processo psicológico do "tornar-se pai". A paternidade e a maternidade são para Benedekt, uma fase de

maturação do adulto, e o processo psicológico referente a esta fase, ele denominou de parentalidade.

Em 1959 complementou seu conceito de parentalização, entendendo que é um processo de desenvolvimento psicoafetivo comum aos dois genitores, a partir da concepção de uma criança. Entendendo assim que a noção de parentalização emerge face às mudanças da família, ou seja, impacta tanto em relação à dinâmica entre os genitores quanto em relação à dinâmica pais-bebês. Segundo Lebovici

a parentalidade vai além do fator biológico, ou seja, para se tornar uma mãe ou um pai é necessário ter feito um "movimento" interior que começa pela aceitação de que herdamos algo de nossos pais. Refiro-me a transmissão intergeracional e não ao genético somente. Tomar-se se pai não é algo dado biologicamente, não se trata de uma herança genética (LEBOVICI,1983,p.21).

ESTILOS PARENTAIS

Os estilos parentais são definidos por Gomide (2006) como um conjunto de práticas educativas ou atitudes parentais utilizadas pelos pais com o intuito de educar, socializar e controlar o comportamento de seus filhos.

Segundo Volling & Elins (1988) as figuras parentais exercem grande influência na construção dos vínculos afetivos, da autoestima, do autoconceito e também constroem modelos de relações que são transferidos para outros contextos e momentos de interação social.

Quer dizer que o repertório de percepções e, conseqüentemente, de atitudes vai se desenvolvendo com grande contribuição do ambiente e das relações que a criança vive/experiência.

Os laços afetivos asseguram o apoio psicológico e social entre os membros familiares, ajudando no enfrentamento do estresse provocado por dificuldades do cotidiano (OLIVEIRA & BASTOS, 2000). É importante ressaltar que os padrões de relações familiares relacionam-se a uma rede de apoio que

possa ser ativada, em diferentes momentos, assegurando o sentimento de pertença, a busca de soluções e momentos compartilhados.

Ginott (2004) ressalta que a criação dos filhos é uma série interminável de pequenos acontecimentos, conflitos e crises que exigem uma resposta; esta resposta tem suas consequências. Afeta, para melhor ou para pior a personalidade, o desenvolvimento e a autoestima da criança, ou seja, o traço da personalidade e habilidade social é fruto da educação adquirida através da identificação e imitação dos pais.

Educar os filhos é um árduo desafio, uma vez que cada etapa do desenvolvimento da criança exige uma continuidade ou nova capacidade para flexibilidade, demandando do adulto, muitas vezes, mudanças das percepções, das atitudes, levando a outros entendimentos e intervenções em prol da evolução do filho; em contrapartida, educar traz a possibilidade aos pais de crescerem junto com a criança, à medida que vão respeitando e acompanhando a caminhada do filho que parte da dependência total para a crescente evolução em busca da autonomia e independência. O modo como os cuidadores educam as crianças e como ocorre essa interação, pode interferir no seu processo de desenvolvimento bem como trazer consequências futuras.

A partir da década de 1950, diversas pesquisas têm destacado a importância da prática e dos estilos parentais para a compreensão da família, principalmente, em relação ao desenvolvimento da criança e do adolescente. Através das pesquisas foi possível identificar duas dimensões de interação entre pais e filhos, que são os estilos parentais e as práticas parentais.

Darling & Steinberg (1993) propuseram o entendimento de estilo parental como o contexto em que os pais influenciam seus filhos através de suas atitudes que expressam suas crenças, valores, ou seja, forma de ver o mundo. Os autores destacam que há uma diferença entre "estilo" parental e "práticas" parentais, sendo necessário manter a diferença entre os dois. Práticas parentais correspondem a comportamentos definidos por conteúdos específicos e são estratégias usadas para suprimir comportamentos considerados inadequados ou incentivar a ocorrência de comportamentos adequados. Já os estilos correspondem a gama de atitudes dos pais, são

"manifestações deles em direção a seus filhos que caracterizam a natureza da interação entre esses"(REPPOLD, PACHECO, BARDAGI & HUTZ,2002,p.23).

O comportamento dos pais com temas específicos são considerados práticas parentais. Um exemplo de prática parental é o auxílio dos pais no dever de casa. Já os estilos parentais são expressos e têm relação às características globais de relações entre pais e filhos, conseqüentemente, criando um clima emocional.

Os estilos parentais englobam, portanto, as práticas parentais e outros aspectos da interação entre pais e filhos, tais como o tom de voz, linguagem corporal, e atenção (DARLING & STEINBERG,1993).

Apesar de manterem a diferença entre práticas e estilos, Darling & Steinberg (1993) propõem que as duas sejam definidas, em parte, pelos valores e objetivos de socialização sustentados pelos pais. Estes objetivos envolvem tanto os comportamentos e as habilidades específicas (sociais e escolares), quanto as qualidades mais amplas, podendo destacar como exemplo a autonomia.

Para melhor compreender os estilos, será interessante entender a pesquisa de Baumrind (BAUMRIND & BLACK,1967), que formulou três protótipos parentais (autoritário, autoritativo e permissivo), baseados no controle por parte deles.

Os autoritários são pais que têm como prática controlar e avaliar o comportamento dos filhos. São rígidos e autocráticos. Impõem altos níveis de exigência, estabelecendo regras estritas, independente de qualquer visão da criança. Contudo, há significativas limitações da autonomia da criança e o ponto de vista dela não é considerado. Neste caso o reforço negativo, bem como as punições são utilizados com frequência, não valorizando o diálogo e a autonomia, reagindo com rejeição e baixa responsividade aos questionamentos e opiniões das crianças (BAUMRIND,1966).

No autoritativo, os pais demonstram considerado nível de responsividade e exigência, de forma que definem regras claras - verificando o ponto de vista da criança - comunicando para os filhos e monitorando a

conduta dos mesmos. Neste caso as atitudes negativas são discutidas a fim de corrigi-las e as positivas são reforçadas. Este estilo de parentalização compreende um pai mais conectado com seus filhos, percebendo as necessidades, oferecendo afeto e limites. A disciplina ocorre de modo indutivo, ocorrendo uma comunicação aberta, com base no respeito mútuo. Esta forma de educar o filho está relacionada com a competência social, maior assertividade e comportamento independente de crianças (BAUMRIND,1966).

O permissivo está direcionado às relações entre pais e filhos em que ocorrem poucas responsabilidades da criança, ou seja, elas se autorregulam. Sua característica é o reforço positivo.

Em 1983, Maccoby & Martin reorganizaram a classificação com base nas ideias de Baumrind, considerando as dimensões de exigência e responsividade; entretanto, desmembraram o estilo permissivo em dois: indulgente e negligente.

Maccoby e Martin (1983) compreendem que o estilo parental influencia o comportamento das crianças e que o estilo negligente e indulgente está geralmente relacionado a problemas no desenvolvimento dos filhos.

O estilo indulgente não promove regras nem limites, sendo que as exigências de responsabilidade e maturidade quase não ocorrem. Os pais com este estilo são excessivamente tolerantes, de modo que permitem que a criança direcione suas próprias atitudes. A receptividade, a afetuosidade e a comunicação marcam a relação com o filho, porém com a significativa inclinação a satisfazer qualquer necessidade que a criança mencione (BAUMRIND,1966).

O estilo negligente refere-se a pais que pouco se envolvem com as suas funções parentais, pouco disponíveis para responder aos pedidos dos filhos; todavia, não são afetivos nem exigentes. Atuam de forma que a exigência e a responsividade ocorrem em baixos níveis. Na maioria das vezes, preocupam-se apenas em atender às solicitações dos filhos, de forma a cessar as mesmas no imediato (GLASGOW *et al* 1997 *apud* CECCONELLO,2003).

ESTILOS PARENTAIS E CARÍCIAS

A Análise Transacional é uma teoria da psicologia individual e social, criada por Eric Berne e seus seguidores, tendo como propósito entender o ser humano e seus relacionamentos. Algumas características definem a Análise Transacional, tais como: utiliza uma linguagem simples, uma filosofia positiva e de confiança no ser humano. Berne diz que todos nascem bem e com capacidade de ter sucesso, com exceção das pessoas que tem afecções orgânicas graves.

Bebê humano normal nasce no mundo com a capacidade de desenvolver seus potenciais da melhor forma para si e para a sociedade, de se divertir e ser capaz de trabalhar de forma produtiva e criativa, e de estar livre de debilitações psicológicas (BERNE,1966,p.213).

Logo, o tema deste artigo faz lembrar a frase de Eric Berne, pai da Análise Transacional: "Todos nascemos príncipes e princesas, mas às vezes nossa infância nos transforma em sapos" (STEINER,1974,p.15). Isso significa que todos nós nascemos bem - "OK" -, com capacidade plena para obter sucesso e satisfação de nossas necessidades e que a educação e o meio ambiente podem produzir efeitos indesejáveis.

Para analisar o impacto dos estilos de parentalização no desenvolvimento da aprendizagem humana será utilizado o conceito de Carícias – teoria da Análise Transacional.

Berne (1963) definiu Carícias, inicialmente, como "uma unidade de reconhecimento" (1963,p.158). Desenvolvendo seus estudos com base nos estudos de Spitz (1946) e Bowlby (1970) a respeito das causas e efeitos no desenvolvimento de mamíferos com carência de contato e de estimulação física e sensorial.

Berne (1963) concluiu que uma cadeia biológica poderia ser postulada indo da privação emocional e sensorial, através da apatia, para as mudanças degenerativas e até mesmo a morte. Pode-se compreender que fome de

estímulo tem o mesmo relacionamento para a sobrevivência do organismo humano como fome de comida (BERNE,1970,p.210-211).

Importante considerar estudos recentes com crianças pequenas negligenciadas. Estes estudos revelaram que o cérebro destas crianças apresentam alterações anatômicas em áreas de importância para o afeto e para as relações interpessoais. Em seu estudo com 12 crianças que haviam sofrido negligência ambiental global precoce, Pollard & Perry (1997) verificaram que sete delas tinham as áreas cortical e subcortical menores do que o grupo controle. Esses efeitos parecem manifestar-se posteriormente, do ponto de vista clínico, através de disfunções tanto na área cognitiva quanto de relacionamento.

A partir das ideias de Eric Berne (1963) é significativo destacar a importância do reconhecimento físico, principalmente nos primeiros meses de vida, através do contato de pele a pele da mãe com seu filho, sendo uma rica fonte de estimulação, uma das mais potentes.

O toque, a expressão, o tom de voz dos pais nada mais são que estímulos para com seus filhos; a forma como esta comunicação se estabelece provoca impacto no desenvolvimento do indivíduo; são formas de reconhecimento. O ser humano é gregário, ou seja, tem a necessidade de modelar parte de seu comportamento para atender as expectativas parentais. Nos primeiros anos de vida de uma criança, ela avalia o mundo, as relações através dos estímulos dos pais, porque são eles que dizem: isto é bom, isto é ruim, isto é bonito ou feio.

Kertész (1987) destaca que as Carícias possuem quatro critérios de classificação: pela sua fluência no bem – estar: Adequadas e Inadequadas, pela emoção ou sensação que convidam a sentir: Positivas e Negativas, pelas exigências ou condições para dar ou receber: Condicionais ou Incondicionais e ainda pelo meio de transmissão: Físicas, Verbais, Gestuais e Escritas.

Nesta perspectiva é interessante pensar quanto o estilo de parentalização influencia no desenvolvimento de uma criança, com base nos tipos de Carícias que recebem e incorporam.

Pais com estilo autoritário, pela forma de lidar com as situações, têm a tendência de dar mais Carícias Físicas, Verbais e Gestuais Negativas Condicionais e Incondicionais Inadequadas.

Carícias Físicas, como o próprio nome refere, são formas de toque corporal. As Verbais mediante a linguagem oral e as Gestuais mediante a linguagem não verbal, olhar, expressão corporal.

As Carícias Condicionais são dadas ou recebidas por comportamentos objetivos (dizer, fazer, ou não dizer ou não fazer algo), as Incondicionais são dadas ou recebidas pelos simples fato da pessoa existir.

Carícias Negativas que são aquelas que criticam, rejeitam, diminuem, de forma que a pessoas se sintam mal e as Carícias Positivas que convidam a emoções ou sensações agradáveis.

O estilo autoritário faz com que os filhos sintam-se na Posição Existencial Não – OK, uma vez que a forma que lidam com as situações, com alto nível de exigência, não considerando o posicionamento da criança são algumas de suas características marcantes, remetendo a relação para esta posição. Em muitos casos estimulam a competitividade e, por consequência, a escassez, gerando confusão, rebeldia, desmotivação e não potencializando certas capacidades.

Steiner (1974) diz que crianças obedientes e que seguem ordens costumam fazer as coisas segundo o que lhes dizem, sem entender o porquê as fazem, e sem nenhuma autonomia.

Mesmo que desagradáveis, as Carícias Negativas são formas de reconhecimento. Por esse motivo, algumas pessoas preferem receber Carícias Negativas, do que ausência de Carícias.

O estilo autoritativo tem a tendência de dar Carícias Positivas Físicas e Gestuais e Verbais Incondicionais ou Condicionais Adequadas, além das Carícias Incondicionais Negativas Adequadas, ou seja, vive-se uma relação de abundância a qual permite a troca, a qualidade na relação, uma vez que as

Carícias Positivas são aquelas que visam aprovar, valorizar e as Carícias Negativas Condicionais estão a serviço da função paterna de orientar os filhos.

Convidam as pessoas que os recebem a sentirem-se bem, numa posição OK – OK, caracterizando a posição que anteriormente foi destacada na frase de Eric Berne (1963) “príncipes” e “princesas”. A ação tem o propósito de incentivar o crescimento e, além do mais, aumentar a autoestima, pois as Carícias são autênticas e propiciam que as crianças estejam conectadas no que sentem e pensam; este tipo de Carícias estimula o desenvolvimento das potencialidades do ser humano. No cotidiano escolar é presente este estímulo em situações nas quais o pai leva o seu filho na escola, observa os trabalhos da turma e oportuniza-lhe um retorno de sua produção, com toques positivos, comentando sobre a qualidade dos materiais e compartilhando ideias de melhoria, como também situações em que o professor orienta o exercício do aluno relacionando aspectos já alcançados e outros a desenvolver. Steiner diz que

educar crianças é uma questão de permitir que descubram aquilo que elas mesmas querem, não interferindo com a sua espontaneidade, sua consciência e sua intimidade. As crianças farão o que é certo para elas, uma vez que lhes seja dada a liberdade de escolha e circunstâncias sob as quais essa escolha possa ser levada a cabo sem tensão ou pressão (STEINER, 1974, p.280).

O estilo permissivo é subdividido em indulgente e negligente, sendo um estilo no qual a insegurança de proteção impera no relacionamento, e as condições de estímulo e contato são precárias ou quase inexistentes; por sua vez, as Carícias que permeiam a relação são restritas e, na maioria das vezes, são as Negativas Condicionais e Incondicionais Inadequadas, já que não há conexão entre pais e filhos. A relação é extremamente nociva, pois desestimula o desenvolvimento das potencialidades do indivíduo. A tendência é ficarem na posição “Não Ok – Não Ok”, típico das pessoas que perdem o interesse por si, pelos outros e pelo mundo.

É frequente nos ambientes escolares pais ou responsável necessitarem de orientação sistemática do serviço educacional para aprenderem a auxiliar na organização do material da criança, para observarem o horário inicial das aulas, bem como serem chamados, especialmente, para participarem da vida escolar do filho. Este estilo de dinâmica parental normalmente resulta na criança um não desejo pelo aprender, pois não há valor e significado no ambiente familiar.

Muito provavelmente crianças vindas de lares com estes estilos, receberam também nos primeiros anos de vida rejeição, pouco afeto, atenção e contato físico, tendo maior sensibilidade para incorporarem as Carícias Negativas, incorporando poucas Carícias Positivas. Num futuro, estes indivíduos que viveram em lares desprovidos de contato podem passar, no seu cotidiano, por situações que mesmo recebendo Carícias Positivas tenham a tendência de desconsiderá-las, não se sentindo bem.

Para que um indivíduo desenvolva suas capacidades é de fundamental importância que receba, proporcionalmente, maior número de Carícias Positivas, Condicionais ou Incondicionais do que Condicionais Negativos e que os Incondicionais Negativos sejam raros ou não ocorram.

As crianças irão adotar os hábitos emocionais conforme entendimento das percepções que têm de si mesmas: alegres, tristes, irritadiças, impacientes, cativantes e, a partir do convívio social ampliado, também começam a serem vistos pelos outros a partir de suas características.

Como diz Steiner (1974), o *déficit* de Carícias em que se encontram os membros das sociedades contemporâneas é devido a uma série de regras de comportamento sancionadas pela cultura em que vivemos e que são transmitidas de geração a geração.

Importante verificar que crescer e viver num ambiente onde prevalecem os estilos de parentalização autoritário e permissivo, tanto indulgente quanto negligente, proporciona uma significativa escassez de Carícias e, conseqüentemente, as mensagens parentais promovem crenças como: não dê os carinhos que quer oferecer, não peça os carinhos que deseja, não aceite os

carinhos que deseja, não rejeite os carinhos que não deseja e não dê carinho a si próprio.

Cada pessoa, com base em suas experiências nos primeiros anos de vida, desenvolve um estilo pessoal de filtragem e incorporação de Carícias por meio de um mecanismo interno, pois necessita de reconhecimento para viver. Quando bebê, este reconhecimento é percebido de forma visceral, por meio da linguagem não verbal; entretanto, esta época do desenvolvimento infantil é de fundamental importância, uma vez que o indivíduo se torna sensível ao toque que mais recebeu na infância.

As características da personalidade, a forma como percebem a vida está intimamente relacionada com a capacidade de incorporar as Carícias Positivas e Negativas, Condicionais e Incondicionais, Adequadas e Inadequadas.

Personalidade é organização de ideias, atitudes e hábitos, montados sobre bases psicofísicas, biologicamente herdadas e sobre valores culturais socialmente transmitidos, que compreende as adaptações das necessidades do indivíduo às exigências e potencialidades de seu meio social (ALPORT, 1961, p.50-52).

Muitas pessoas recebem toques, porém a forma que filtram e incorporam os tipos de toques, resulta na forma de pensar, sentir, dizer e agir.

Crianças iniciam o aprendizado a partir do exemplo dos cuidadores, quando as janelas das aptidões estão abertas, favorecendo a qualidade do seu desenvolvimento; assim também se aplica na prática de esportes, no aprendizado de idiomas, sensibilidade musical e entre outras aprendizagens.

É importante também considerar que uma pessoa vive ciclos, possibilitando reeditar-se a cada experiência vivida. Landheer (1982) diz que cada estágio, dentro do nosso ciclo de vida é uma plataforma sobre a qual durante um dia, um ano ou pela vida toda, representamos nosso teatro principal da vida. Crescer através de cada estágio na infância ou no período adulto, é uma oportunidade. Nós podemos usar este tempo para desenvolver uma parte do nosso poder ou habilidade como seres humanos.

Pensamos que algumas pessoas no ambiente de convívio da criança sirvam de modelos, tendo a possibilidade de vinculação e evolução humana, um exemplo são os professores.

O convívio no ambiente escolar é uma oportunidade de obter reconhecimento de Carícias Positivas Condicionais ou Incondicionais Adequadas. Dependendo desse vínculo, há a possibilidade de ir eliminando a insensibilidade, aprendendo a ter consciência das emoções e aprendendo a lidar com as emoções.

Quase todos nós sentimos que a vida pode ser muito mais intensa. Ansiamos pelo aconchego do sentimento profundo, pela conexão com o outro, pelo entendimento mútuo. Mas como chegar lá? Sabemos, do fundo de nossos corações, que ser pessoa emotiva, ter paixões fortes, chorar, vibrar, até mesmo sofrer, constituem experiências preciosas e fundamentais. Na verdade, estamos sempre buscando maneiras indiretas, artificiais ou dissimuladas de experimentar emoções (STEINER,1997,p.30-31).

Sentimos necessidade de estímulo emocional, buscamos no dia a dia situações nas quais tenhamos possibilidade de obtê-los e, sendo assim, o ambiente escolar é uma das oportunidades da criança se redescobrir.

As instituições de ensino recebem crianças com diferentes formas de leitura de mundo, com diferentes formas de aprender a lidar com os sentimentos e as emoções. Uma vez que observado na rotina e dinâmica escolar, este novo espaço de aprendizagem poderá proporcionar à criança outras possibilidades de contato, estimulando outras formas de vínculos, outras formas de dar e receber Carícias.

Um exemplo interessante e importante a considerar é o daquela criança que entende de forma precoce que aprender é para satisfazer as necessidades do outro, ou seja, aprende a desqualificar as próprias necessidades.

Como a escola poderá contribuir para que este entendimento seja transformado, uma vez que provavelmente, no futuro, esta pessoa poderá

perder boa parte de contato consigo, com o mundo externo ou com o outro na relação? A escola, através dos profissionais que atuam nela, poderá criar estratégias de ensino que estimularão e incentivarão a consciência corporal e o contato com o outro, objetivando ampliar a sintonia e leitura corporal de cada um.

São estratégias de ensino, fundamentadas pela filosofia institucional, que auxiliarão no desenvolvimento integral do educando, porém esta forma de compreender o ensino - aprendizado só terá verdadeiro significado quando for compartilhando e vivenciado entre escola, família, alunos e a comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os pais são os primeiros educadores e o processo de aprender se inicia através dessa relação de vínculo.

Somos fruto do convívio familiar. É através da qualidade e o resultado dessa relação que nos conhecemos, enxergamos o outro e lemos o mundo. Consequentemente, os estilos de parentalização são marcantes na educação de uma criança pelo impacto e até determinantes no processo de vida, em muitos casos.

As funções maternas e paternas exigem uma dedicação e busca constante do autoconhecimento objetivando a conexão com o outro.

A partir dos estudos dos estilos parentais, entende-se o estilo parental autoritativo como sendo um estilo que marca o efetivo desenvolvimento saudável da criança; as atitudes dos pais qualificam o convívio, oportunizando dar e receber reconhecimento. À medida que os pais consideram as possibilidades de escolha e opinião do filho, permitem que o mesmo participe da vida familiar, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia. Sentem-se autorizados a sentir, pensar e agir. Normalmente são crianças no ambiente escolar que possuem uma lógica de raciocínio e organização de ideias fluentes, curiosos e com desejo pelo aprender. Quando se deparam com dificuldades, procuram buscar ajuda e superá-las, bem como à intolerância por situações que envolvam mentiras, agressões e deboches.

Filhos com estilo de parentalização autoritária terão certa dificuldade de expressar sua opinião, ou melhor, não estão autorizados a sentir e pensar. Com muita frequência acabam optando por atitudes de proteção, seja pela impulsividade, agitação ou pela apatia e insegurança. A crítica demasiada e elevada, o alto nível de exigência e, em certos casos, severas agressões inibem a criança no pensar e agir, podendo levar até a certos tipos de depressão infantil, ansiedade, fobias.

O estilo de parentalização permissivo é o mais nocivo para o desenvolvimento de uma pessoa, pois remete a criança ao total abandono e ao isolamento, obtendo dificuldades para crescer saudavelmente e tendo grandes possibilidades de ter um atraso no desenvolvimento pela falta de estímulo, reconhecimento e afeto. Vivem situações em que a baixa capacidade de frustração ocorre em diferentes ambientes que frequentam, em certos casos obtendo dificuldade de relacionar-se socialmente, como também num futuro terão dificuldade de descentralizar o pensamento e obter capacidade cognitiva de pensar de forma sistêmica.

A partir desse estudo, ressalto a importância da ação conjunta entre escola, família e especialistas para que possam repensar a ação educativa. É um grande aprendizado pessoal e social, uma vez que os princípios sociais nem sempre valorizam a espontaneidade, a consciência e a intimidade que são as três capacidades para obtenção da autonomia, segundo princípios da Análise Transacional.

Educadores, pais, professores, especialistas necessitam buscar cada vez mais o seu autoconhecimento, promovendo maior qualidade nas relações, melhor conexão com o outro e, também, a constante busca de informações a respeito do desenvolvimento infantil para que possam compreender as etapas da evolução humana.

Que as instituições de ensino reflitam sobre suas atividades práticas-educativas ou lúdicas para que promovam o contato entre pais e filhos, alunos e alunos, ou ainda, entre professores e alunos, pois estas atividades são mais valiosas do que aquelas que visam à passividade, porque permitem viver um

espaço de trocas, de ludicidade, de aproximação ou reaproximação entre os mesmos.

Na cultura educacional é uma mudança de paradigma. Sairmos de uma concepção na qual aprender era repetir as informações passadas e partirmos para uma nova concepção na qual todos podem sentir, pensar, agir e se comunicar. Estes investimentos podem iniciar pelas sistemáticas reuniões pedagógicas, proporcionando, além da formação teórica importante para a constituição dos professores e funcionários, também momentos de autoconhecimento, com profissionais especializados, investindo, principalmente, na saúde emocional daqueles que fazem a vida de uma instituição de ensino.

Vale a pena destacar que as famílias, ao escolherem uma instituição de ensino para seus filhos, necessitam estar conscientes do papel educacional que emerge naquela escola, pensando em conhecimento formal e, principalmente, desenvolvimento integral das pessoas que ali convivem. Para tanto é importante que as necessidades da criança sejam lidas e compreendidas por seus pais em prol da continuidade da sua formação.

Cuidar da parte física de uma criança é somente uma das ações de um pai e uma mãe. Cuidar de outras funções necessita de mais investimento pessoal e, por conseqüência, este investimento refere-se ao tempo, atenção, conexão.

Para alguns pais é necessária uma maior reflexão sobre suas decisões na infância, a fim de tornarem-se mais conscientes; repensar suas decisões e, assim, mudar algumas atitudes que contribuam para sua função paterna, não é tarefa fácil. Pensar sobre estas decisões, pensar sobre o manejo com os filhos, compreender o jeito de cada um ou o impacto nas relações, podem contribuir para mudança de atitude. Talvez seja necessário mudar o padrão de estímulo com a criança, ou talvez precise dar mais estímulos condicionais, ou quem sabe mais incondicionais. Seja qual for a forma de dar Carícias, uma questão é prioridade, dá-las com generosidade e verdade.

6 REFERÊNCIAS

- ALLPORT, G.W. **Personalidade – Padrões e Desenvolvimento**. São Paulo: Herder, 1961.
- BAUMRIND, D. **Effects of authoritative control on child behavior**. *Child Development*, n. 37, 1966.
- BAUMRIND, D. **Child care practices anteceding three patterns of reschool behavior**. *Genetic Psychology Monographs*, 1967.
- BENEDEKT, T. **Parenthood as a developmental phase**. *Journal American Psychology Association*, n. 7, 1959.
- BERNE, E. **Estrutura e dinâmica das organizações e dos grupos**. Ed. UNAT-BR, 1963.
- CECCONELLO, A.M.; Antoni, C.D.; Koller, S.H. **Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar**. *Psicologia em Estudo (Maringá)*, 2003.
- DARLING, N. & Steinberg, L. **Parenting style as context: An integrative model**. *Psychological Bulletin*, 1993.
- DEL PRETTE, A., & Del Prette, Z. A. P. **Psicologia das relações interpessoais: Vivência para o trabalho em grupo**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- GINOTT, H. G. **Entre pais e filhos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- GLASGOW, K.L.; Dornbusch, S.M.; Troyer, L.; Steinberg, L.; Ritter, P.L. **Parenting styles, adolescents' attributions, and educational outcomes in nine heterogeneous high schools**. *Child Development*, 1997.
- GOMIDE, P. I. C. **Inventário de estilos parentais: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- LANDHEER, P. L. **O ciclo do desenvolvimento**. USA, 1982.
- LEBOVICI, S. **Le nourrisson, la mère et le psychanalyste**. Paris: Le Centurion, 1983.
- KERTÉSZ, R. **Análise Transacional ao vivo**. São Paulo: Summus, 1987.
- KREPPNER, K. **The child and the family: Interdependence in developmental pathways**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2000.
- MACCOBY, E. & Martin, J. **Socialization in the context of the family: Parent-child interaction**. Em E.M. Hetherington (Org.), *Handbook of child psychology*, v. 4. Socialization, personality, and social development (4ª ed., New York: Wiley, 1983).

MAHONEY, A. A. **Contribuições de H. Wallon para a reflexão sobre as questões educacionais.**In V.S. Placco (Org.), *Psicologia & Educação:Revendando contribuições.*São Paulo:Educ.,2002.

OLIVEIRA, M.L.S., & Bastos, A. C. S. **Práticas de atenção à saúde no contexto familiar: Um estudo comparativo de casos.** Psicologia: Reflexão Crítica,2000.

POLLARD, L. E., e Perry, B. D. **Evidence of altered brain development following global environmental neglect in childhood.** Manuscript submitted for publication,1997.

REGO, T. C. **Memórias de escola: Cultura escolar e constituição de singularidades.** Petrópolis, Rio de Janeiro:Vozes,2003.

REPPOLD, C. T.,Pacheco, J., Bardagi, M.,& Hutz, C. S. **Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais.** Em C. H. Hutz (Org.), *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção.* São Paulo:Casa do Psicólogo,2002.

RUBINSTEIN, E.R. **O estilo de aprendizagem e a queixa escolar: entre o saber e o conhecer.** Casa do Psicólogo: São Paulo, 2003.

STEINER, C. **Os papéis que vivemos na vida.** Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

STEINER, C. **Educação emocional.** Rio de Janeiro:Objetiva,1997.

VOLLING, B. L.**The family relationships and childrens emotional adjustment as correlates of maternal and paternal differential treatment: A replication with toddler and preschool siblings.**Child Development,1998.